



## DISCUTINDO GÊNERO ATRAVÉS DO TRABALHO ARTESANAL

Márcia Alves da Silva – UFPel <sup>1</sup>  
Pesquisa financiada pelo CNPq

**Resumo:** Este texto apresenta uma sistematização sobre uma pesquisa que tenho coordenado com mulheres artesãs da cidade de Pelotas / RS. Dois grupos fazem parte da investigação: um grupo constituído por mulheres artesãs vinculadas a uma cooperativa popular nos moldes da economia solidária, e outro grupo formado por artesãs que são discentes de cursos de licenciaturas da UFPel, majoritariamente do curso de Pedagogia. O objetivo é abordar as trajetórias de vidas das mulheres pertencentes aos dois grupos, estabelecendo uma aproximação e um diálogo entre ambos, tendo o artesanato como um vínculo em comum. Este texto se inicia desenvolvendo o conceito de divisão sexual do trabalho, como referencial advindo da teoria feminista que incorpora as experiências históricas das mulheres no mundo do trabalho, e também aborda o referencial metodológico adotado, que nos auxilia no tratamento com as narrativas. Finalmente, apresento algumas reflexões que temos feito sobre os dois grupos que temos investigado, onde aparecem os principais achados até aqui.

**Palavras-chave:** Gênero; Trabalho Feminino; Artesanato; Divisão sexual do trabalho.

### Introdução

Neste texto busco trazer uma reflexão sobre uma pesquisa que tenho coordenado com mulheres artesãs. Trata-se do resgate do universo do artesanato, a partir das narrativas de dois grupos formado por artesãs: um grupo constituído de mulheres artesãs vinculadas a uma cooperativa popular nos moldes da economia solidária, e outro grupo formado por discentes de licenciaturas da UFPel, na sua maioria do curso de Pedagogia. Dessa forma, nessa investigação buscamos (tanto eu como a equipe que atua na pesquisa) aproximar os dois grupos e discutir o universo feminino, especialmente as experiências dos grupos no universo do trabalho, tendo-se a compreensão que essas experiências são importantes constituidoras das identidades femininas. Em grande medida, a forma como as mulheres se relacionam com os outros e consigo mesma, é formada pelas experiências de vida que passaram no mundo do trabalho.

Nosso interesse é abordar as trajetórias de vidas das mulheres pertencentes aos dois grupos, estabelecendo uma aproximação e um diálogo entre ambos, tendo o artesanato como um vínculo em comum.

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta da Faculdade de Educação da UFPel

Neste trabalho inicio apresentando alguns referenciais que temos utilizado na investigação. Trata-se de referenciais advindos da teoria feminista que incorporam as experiências históricas das mulheres e nos auxiliam aqui no refinamento de nosso olhar para as trajetórias analisadas. Outro referencial apresentado se refere ao referencial teórico-metodológico adotado, que nos auxilia no tratamento das narrativas obtidas pela pesquisa.

Na sequência apresento algumas reflexões que temos feito sobre os grupos que temos investigado. Nessa parte apresentaremos os principais achados e a caminhada que temos trilhado até aqui.

### **Divisão sexual do trabalho**

Abordar a temática do trabalho feminino nos remete à necessidade de definirmos a concepção de trabalho a qual nos aliamos. Isso se deve ao fato de que as concepções tradicionais sobre trabalho formal e/ou mercado de trabalho não dão conta de uma diversidade de atividades historicamente exercidas por mulheres e que, muitas vezes, ‘escapam’ das estatísticas oficiais. Dessa forma, há a necessidade de ressignificarmos esse conceito, incorporando e nos apropriando de elementos advindos de uma produção específica com esse intuito, especialmente oriundos da teoria feminista. Trata-se de um campo de estudos que está longe de esgotar sua produção, mas que aponta vários caminhos promissores.

O conceito de divisão sexual do trabalho localizado dentro da lógica da teoria feminista tem sido um importante suporte teórico que possibilita a abordagem das trajetórias de gênero e de trabalho feminino. Precisamos ter em mente que o contexto em que vivem homens e mulheres não é o resultado de um destino biológico, como historicamente tentou-se supor, mas sim oriundo de construções sociais. Portanto, homens e mulheres formam dois grupos sociais que estão engajados em uma relação social específica, que se concretiza nas relações sociais de sexo. Estas relações possuem uma base material, que é o trabalho, e que se revela através da divisão social do trabalho entre os sexos, denominada de divisão sexual do trabalho.

Portanto, identificamos o conceito de divisão sexual do trabalho como central na abordagem do trabalho feminino e salientamos aqui duas autoras como sendo fundamentais dadas a importância de suas produções sobre o tema, que são Danièle Kergoat e Helena Hirata.

Sobre a origem do conceito de divisão sexual do trabalho, Danièle Kergoat (2003) salienta que essa noção foi primeiro utilizada por etnólogos para designar uma divisão

“complementar” das tarefas entre os homens e as mulheres nas sociedades que eles estudavam. Refere-se a Lévi-Strauss como sendo um expoente dessa ideia e que fez dela o instrumento explicativo da estruturação da sociedade em família. No entanto, a autora afirma que foram as antropólogas feministas, as primeiras que lhe deram um conteúdo novo, demonstrando que ela traduzia não uma complementaridade de tarefas, mas uma relação de poder dos homens *sobre* as mulheres (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Dessa forma, a Kergoat conceitua divisão sexual do trabalho, e a define como sendo

[...] a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é adaptada historicamente e a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc). (KERGOAT, 2003, p.55-56).

É dessa forma que percebemos a produção artesanal exercida pelas mulheres que participam da investigação que acompanhamos: trata-se da realização de trabalhos que foram (e ainda são!) historicamente apartados dos espaços públicos e desconsiderados pela lógica do capital. Pensamos que o artesanato passe por uma dupla exclusão pois, por um lado, constitui-se em uma atividade que não se adequou à produção industrial em massa (alicerce do capitalismo industrial) por sua característica de trabalho manual e criativo e, por outro lado, foi historicamente relegado quase que exclusivamente às mulheres e usado como forma de mantê-las atreladas ao espaço doméstico.

A compreensão de que homens e mulheres pertencentes as mais diversas sociedades se dediquem a diferentes atividades tem sido compreendido como inerente à diferenciação sexual. Essa compreensão tem sido relacionada com especificidades físicas, intelectuais, emocionais, de acordo com cada sexo. É, portanto, dessa maneira que as ideologias sexistas têm compreendido a relação sexo e trabalho.

Dessa forma, as mais diversas sociedades têm criado grupos sociais distintos em função do acesso ao trabalho e do tipo de atividades, tendo explicado como divisões naturais do trabalho, portanto, imutáveis. Em função desse caráter a-histórico e inerte, as ideologias sexistas e racistas, de cunho biológico, são as que têm se mantido por maior tempo e com maior êxito na reprodução das ordens sociais. Heleieth Saffioti tem denunciado o caráter de naturalização desse processo em sua obra já há algum tempo, conforme aparece na passagem a seguir:

A sociedade investe muito na naturalização deste processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre de sua capacidade de ser mãe. De acordo com esse pensamento, é natural que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, aí compreendida a socialização dos filhos, como é natural sua capacidade de conceber e dar à luz. (SAFFIOTI, 1987, p. 9)

A homologação das atividades exercidas pelas mulheres como naturais leva a definir a essência de qualquer trabalho feminino como sexual, biológico, portanto não social. Essa concepção a-histórica e naturalista tem anulado uma diversidade de trabalhos exercidos pelas mulheres.

Sendo assim, podemos falar que divisão sexual do trabalho é muito mais do que simplesmente constatar desigualdades. É articular a descrição do real com uma reflexão sobre os processos pelos quais a sociedade utiliza a diferenciação para hierarquizar as atividades (KERGOAT, 2003, p.59). Buscamos que essa investigação se constitua em um desses momentos de reflexão e reconstrução, buscando sempre possibilitar uma articulação das trajetórias analisadas com o contexto social mais amplo na qual essas estão inseridas.

### **Referencial teórico-metodológico adotado**

A metodologia utilizada nessa investigação é oriunda da corrente teórico-metodológica denominada pesquisa-formação, a partir do referencial construído por Marie-Christine Josso. A proposta de se perceber o processo de investigação como um ‘caminhar para si’<sup>2</sup> denota o processo inconcluso da investigação, ao mesmo tempo em que nos remete a nossa própria trajetória de vida neste mundo – incluindo as pesquisadoras - envolvendo vários aspectos que foram historicamente apartados do processo investigativo, mas que se encontram nas nossas vidas e nas nossas escolhas, como emoções, relacionamentos, afetividades, trajetórias vividas, dificuldades enfrentadas, etc.

Josso participou da chamada equipe de Genebra, que também contou com a participação de Pierre Dominicé e Gaston Pineau entre outros pesquisadores de diversos países europeus. Na década de 80 do século passado, o grupo vislumbrou um novo horizonte teórico no campo da educação de adultos para uma abordagem da formação centrada sobre o sujeito aprendiz, utilizando a mediação de uma metodologia de pesquisa-formação articulada às histórias de vida. Dessa forma nascia a pesquisa-formação.

Trata-se de perceber o processo investigativo como parte de toda uma trajetória de vida de todos os envolvidos, acrescida do fato do processo de pesquisa nessa perspectiva

---

<sup>2</sup>

Conceito desenvolvido por Josso em sua tese de doutorado publicada em 1991.

poder se constituir em uma oportunidade para se refletir sobre sua trajetória, na perspectiva de se projetar o futuro, tanto do grupo como individualmente. Sobre o conceito ‘caminhar para si’, Josso afirma que:

O processo do caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural. (JOSSO, 2004, p.59)

A proposta do processo de conhecer a si mesmo não significa apenas compreender como nos formamos e a influência de nossas experiências em nossa vida mas, para além disso, reconhecer a si próprios como sujeitos sociais, permitindo encarar seus objetivos de vida daí por diante de forma mais consciente e autônoma, tornando-se efetivamente sujeitos de nossas existências.

Pensamos que seja importante dizer que, nessa perspectiva metodológica há uma confluência entre pesquisador(a) e pesquisado(a), pois o(a) pesquisador(a) também se sente envolvido(a) nesse processo. Nessa metodologia não existe espaço para o discurso de neutralidade e objetividade científica, pois nessa caminhada todos(as) refazem suas próprias trajetórias.

As narrativas são ferramentas fundamentais em nossa proposta, por permitirem uma aproximação com as aprendizagens experienciais das mulheres envolvidas na investigação. As narrativas biográficas temáticas (neste caso referente às trajetórias de trabalho) se constituem de recordações-referências, que são por sua vez formadas pelas experiências humanas. Dessa forma, *“as experiências, de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida”* (JOSSO, 2004, p.43). Sendo assim, podemos levantar a seguinte questão: o que são experiências? De todas as situações que vivenciamos ao longo da vida, quais adquirem esse status? Josso responde a questão, quando afirma que

[...] vivemos uma infinidade de transações, de vivências; estas vivências atingem o status de experiências a partir do momento que fazemos um certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido. (2004, p.48)

Com o intuito de compreender o processo de construção da experiência, a autora distingue três modalidades de elaboração, que são ‘ter’, ‘fazer’ e ‘pensar’ sobre as

experiências, onde (a) ter experiências é viver situações e acontecimentos durante a vida, que se tornaram significativos, mas sem tê-los provocado; (b) fazer experiências são vivências de situações e acontecimentos que nós próprios provocamos, de propósito e, ainda, (c) pensar sobre as experiências, tanto as que tivemos sem procurá-las, como aquelas que provocamos - incluindo as duas modalidades anteriores (2004, p.51). Portanto,

A mediação do trabalho biográfico que leva à narrativa de formação dita 'biografia educativa' permite, com efeito, trabalhar com um material narrativo constituído por recordações consideradas pelos narradores como 'experiências' significativas das suas aprendizagens, da sua evolução nos itinerários socioculturais e das representações que construíram de si mesmos e do seu ambiente humano e natural. Essas 'experiências' são 'significativas' em relação ao questionamento que orienta a construção da narrativa, a saber: o que é a minha formação? Como me formei? (JOSSO, 2004, p.47).

Por trazerem à tona elementos constitutivos das trajetórias de vidas dos sujeitos envolvidos, as narrativas biográficas temáticas produzem histórias, que nada mais são do que as histórias de vida dos sujeitos. No entanto, as narrativas temáticas não se constituem em 'verdadeiras histórias de vida' no sentido metodológico do termo, pois se limitam a um projeto específico, abordando, assim, apenas alguns aspectos constitutivos das trajetórias envolvidas na pesquisa, o que não desvaloriza a iniciativa.

As narrativas apresentam as aprendizagens experienciais que servem de material para compreender os processos, tanto de *formação*, como de *conhecimento e aprendizagem*. Na perspectiva da pesquisa-formação, esses três elementos se constituem nas três grandes etapas do trabalho biográfico (JOSSO, 2004, p.61). Entendemos que por meio de pesquisas que envolvem concepções participantes temos desafios de ordem política, pois trata-se de compreender com grupos pesquisados como as relações sociais se incorporaram nas instituições, legitimando-as; e também de visibilizar tensões geradas na sociedade, procurando compreender como elas deslegitimam as regras e representações que apresentam como "naturais" os grupos sociais constituídos. É nesse momento que a compreensão sobre as trajetórias de trabalho é incorporada no sentido de que as pessoas do grupo ao narrarem sobre seus processos identificam sua trajetória formadora.

Compreendemos que a sistematização e a conseqüente análise das trajetórias formadoras existentes na vida de mulheres possibilitam o refazer das caminhadas feitas, visando sua apreensão e, com isso, uma melhor compreensão de suas próprias experiências de vida e de trabalho.

Dessa forma, a proposta metodológica abarca o universo das histórias de vida. Nossa intenção é captar essas trajetórias a partir da organização e gravação de encontros coletivos com as artesãs envolvidas. Assim temos as narrativas como forma de visibilizar as vivências das mulheres em questão.

### **Nossa caminhada até aqui**

Em nosso percurso investigativo, temos nos deparado com um mosaico bem variado de possibilidades frente ao trabalho feminino artesanal. Apenas para nossa análise, podemos separar aqui as artesãs em dois grupos: o grupo formado pelas acadêmicas e o grupo formado pelas cooperadas.

No que se refere às acadêmicas, a pesquisa tem demonstrado que as artesãs discentes tendem a dissociar suas trajetórias no artesanato com sua formação docente. Embora reconheçam que a pedagogia é formada majoritariamente por mulheres – assim como o mundo do artesanato - tem dificuldade em aproximar essas experiências com a formação que estão tendo na academia. Embora para muitas o artesanato tenha sido (ou ainda é) uma importante fonte de renda, o exercício futuro da docência aponta como uma possibilidade de trabalho mais valorizado do que o artesanato.

Além disso, há certa dificuldade em reconhecer as relações entre o artesanato e a própria formação em pedagogia com o universo feminino. Pensamos que seja necessário que o curso de Pedagogia da UFPel abarque mais em seu currículo os estudos de gênero e toda a produção advinda da teoria feminista. Esse encontro das acadêmicas com sua própria história precisa ser incentivado.

Mas como afirmamos antes, nos deparamos com uma variedade grande de possibilidades. Percebemos que as discentes artesãs que tiveram experiências de gênero mais profundas e significativas – em grande parte em seus relacionamentos com parceiros e/ou outros familiares – possuem uma compreensão mais aprofundada de gênero e tem mais facilidade em se reconhecerem no universo do trabalho artesanal e também da docência. Essa característica confirma a importância das experiências vividas em um processo de significação. Dizemos isso porque houve casos em que os familiares não reconheciam o trabalho artesanal como um trabalho, desvalorizando-o frente aos trabalhos masculinos. Nesses mesmos depoimentos, também houve por parte dos parceiros uma desvalorização na formação acadêmica empreendida pelas discentes. Mais do que isso, recusaram-se a aceitar a possibilidade de suas companheiras cursarem um curso superior. Essa situação ocorre

inclusive com discentes que custeiam sua formação com a venda do artesanato que produzem. Portanto, nessas situações tanto a atividade artesanal como a formação docente são menosprezadas.

Percebemos essas vivências como manifestadoras de preconceitos de gênero, pois não se trata de quaisquer atividades, mas sim de atividades extremamente vinculadas ao universo feminino (formação docente especialmente em séries iniciais e artesanato).

A imensa maioria das artesãs pesquisadas (tanto cooperadas como discentes) afirmam ter aprendido o artesanato inicialmente na infância, nos espaços domésticos e vinculado fortemente às relações familiares. Dessa forma, há todo um desvelar desse espaço e desse período de suas vidas, tão importante na constituição de suas identidades e na formulação da aprendizagem dos papéis a serem exercidos na fase adulta. As figuras femininas (mães, avós) são majoritárias na implementação desse tipo de aprendizagem, que aparece atrelado à aprendizagem dos papéis femininos. O trecho, a seguir, da narrativa de uma artesã vinculada à cooperativa visibiliza esse aspecto:

Mas a coisa mais marcante foi assim, que a gente [ela e as irmãs] detestava costurar, a gente nunca gostou de costurar, e a mãe foi costureira desde os doze anos de idade, então ela passou pra gente a noção da costura, insistia pra gente fazer um arroz bem soltinho, todas essas questões domésticas nós tínhamos que fazer direito... e a gente não gostava, mas mesmo assim a gente fazia porque a gente devia obediência (Artesã, 2009).

Ao mesmo tempo, ao longo das trajetórias de vida das mulheres investigadas, o artesanato produzido tem extrapolado o espaço doméstico e ‘invadido’ o público tornando-se, inclusive, fonte de renda para várias (especialmente para as cooperadas).

No que se refere às acadêmicas, o artesanato apareceu mais timidamente assumido como fonte de renda, mas, em vários casos, esse material produzido por elas tem transitado na própria academia gerando venda. Uma delas disse em sua narrativa que está se separando de seu parceiro nesse momento de sua vida. Afirmou que com a venda de seu artesanato tem conseguido inclusive pagar o imóvel que estava morando, e que a partir de agora, com o final de seu casamento, a venda do artesanato será fundamental para ela.

Outra situação relatada pela acadêmica foi de que no decorrer do trabalho artesanal ela reconheceu as contribuições da formação acadêmica no processo de criação de seus produtos, a influência das temáticas problematizadas por discentes e colegas da graduação, que foram norteando e contribuindo para que o produto final tivesse uma proposta pedagógica. Dessa forma, o intuito passa a não ser mais apenas à comercialização do produto, mas também



incorporar propostas pedagógicas no trabalho artesanal que produz, de forma que, o que antes eram apenas bonecas de pano, agora passam a se tornarem bonecas a serem utilizadas nas escolas com fins pedagógicos (bonecas com necessidades especiais, bonecas de diferentes etnias, famílias de bonecos, etc.).

Salientamos que o contexto visibilizado por essa aluna é bem ilustrativo da situação vivida por muitas mulheres em relação aos companheiros. Segundo sua narrativa, seu parceiro jamais reconheceu o trabalho artesanal como um ‘trabalho’, da mesma forma e com a mesma importância do que o trabalho que ele exerce (remunerado e no espaço público). Dessa forma, ele se via como o único provedor do espaço doméstico. Além disso, o fato de sua companheira cursar faculdade o incomodava bastante, já que essa atividade a afastava do espaço doméstico e a fazia transitar em outro espaço, no qual ele praticamente não tinha acesso e tampouco controle. O trabalho artesanal, a graduação e a possibilidade de emancipação desta aluna foi o que potencializou a separação. Segundo ela, essas questões contribuíram para (re)significação de seus projetos de vida, a partir da análise de sua própria trajetória e da situação estabelecida em sua relação, e o quanto essas experiências foram formadoras e significativas.

Já outra acadêmica relata que a relação estabelecida com o artesanato tinha, a princípio, um propósito terapêutico. Porém com o agravamento de problemas de saúde de seu companheiro, o artesanato passou também a ser fonte de renda e comercializado nos espaços da faculdade, encarado como um “trabalho extra”, do qual ela não deseja se afastar.

Também obtivemos relatos bem marcantes. Um exemplo disso foi a narrativa de uma acadêmica que afirmou já no início de seu depoimento: “*o artesanato salvou minha vida!*” Apesar do aparente exagero, nesse momento sentimos a sinceridade em sua fala e na sequência ficou mais claro o porquê dessa afirmação inicial. Ela sofreu três AVC’s<sup>3</sup> e deixa claro que foram causados, em grande parte, por um relacionamento difícil que mantinha com seu marido<sup>4</sup>. Ela também disse que seu marido não reconhecia o artesanato que, timidamente, produzia. No entanto, afirmou que o trabalho artesanal foi fundamental para que recuperasse os movimentos físicos que havia perdido com a doença (que atingiu tanto articulações, como a fala e a memória). A relação com suas três filhas parece ter se fortalecido com a necessidade de superar as dificuldades que se apresentavam, tanto no que se refere a sua saúde como ao seu relacionamento afetivo com o marido. Hoje ela faz curso superior de Artes Visuais,

---

<sup>3</sup> Abreviatura para Acidente Vascular Cerebral.

<sup>4</sup> Ela terminou com seu casamento e hoje vive outro relacionamento.

motivada pelas filhas que, ao contrário de seu pai, reconheceram o trabalho artesanal produzido pela mãe.

Enfim, trata-se de diversas histórias de vida que visibilizam trabalhos femininos, no qual o artesanato tem tido papel de destaque. A pesquisadora mexicana Marcela Lagarde (2005) desenvolve uma categoria que é bem apropriada para essa discussão, que é a categoria de ‘madresposa’, que sintetiza muito bem o papel social exercido pelas mulheres, em grande parte girando ao redor da conjugalidade e da maternidade. Nesse contexto, tão vinculado ao espaço doméstico, encontramos o trabalho artesanal, enquanto atividade ‘invisível’ e, como vimos, desvalorizada socialmente.

Já no que se refere às artesãs vinculadas à cooperativa popular, as trajetórias de vida pesquisadas, embora distantes da formação acadêmica, também demonstraram sofrerem preconceito ao longo da vida. Várias já transitaram pelo universo do trabalho formal exercendo diversas atividades. No entanto, as artesãs cooperadas demonstram valorizarem mais o artesanato que produzem, se reconhecendo como ‘trabalhadoras’ no universo do trabalho artesanal, embora nem sempre seus familiares tenham esse reconhecimento.

Trata-se de mulheres que possuem uma trajetória de vida e militância vinculada à movimentos sociais, portanto, com uma formação social mais crítica. Essa criticidade se deve, em grande medida, as suas atuações coletivas na cooperativa e a toda uma formação em cooperativismo e economia solidária ao qual elas são oriundas. No entanto, isso não significa que não enfrentem dificuldades. Basicamente, manter a cooperativa operante e o grupo coeso tem sido tarefa muito difícil, pois os valores do individualismo e da competição (tão típicos da sociedade capitalista!) tem se espalhado pela cooperativa e se materializado em um inimigo constante a ser combatido. Esse inimigo impede o crescimento da cooperativa e afasta os novos membros. Nesse sentido se percebe como há mais coesão e empenho nas mulheres que tiveram uma formação mais densa em movimentos sociais (tanto sindicais, como político-partidários e religiosos – basicamente nas pastorais).

### **Considerações finais**

É pela palavra e pela atividade de rememoração que o sujeito da pesquisa não apenas revela a sua opinião, mas encontra a oportunidade de indagar a si próprio sobre o que lhe é perguntado. Dessa forma, a realização de encontros coletivos com o grupo de mulheres artesãs é mais do que um momento de coleta de dados, é um momento de reflexão e como

toda situação de reflexão é um contexto de construção da consciência política dos sujeitos envolvidos.

Portanto, nessa perspectiva metodológica, o processo de investigação não trata simplesmente de descrever os elementos que compõem o objeto da pesquisa, mas de apreendê-los historicamente em seus processos, numa totalidade que não se reduz a uma descrição de sua composição, mas se refere a um todo significativo que apreende o objeto como expressão de sujeitos humanos em determinadas condições históricas. Por isso, talvez seja adequado termos cautela na utilização do termo ‘objeto’, compreendendo que ele está carregado de significação que o coloca em situação de inércia e neutralidade.

Enfim, nessa concepção de pesquisa nasce a possibilidade de respeito e diálogo entre diferentes perfis de conhecimento. Aqui, saber científico e saber popular não se sobrepõem um ao outro, mas complementam-se nas suas especificidades. Perceber isso é condição fundamental para se compreender a pesquisa como um ato educativo.

Buscamos como resultado que a investigação proposta venha a contribuir num processo emancipatório para as mulheres envolvidas, que essa ‘visitação’ as suas próprias trajetórias contribua para uma ressignificação e um amadurecimento enquanto seres humanos. Buscamos um processo de consciência dessas mulheres de suas próprias trajetórias para que, dessa forma, elas possam planejar seu futuro e qualificar sua atuação, não apenas na cooperativa, mas nos mais diversos espaços sociais no qual atuam em seu cotidiano.

## **Referências**

- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. In: *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.
- JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. *Los cautiveros de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 4. ed. México: UNAM, 2005, 884 p.
- KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: EMÍLIO, Marli; et al (orgs.). *Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p.55-63.
- SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.